

O ATIVISMO CATÓLICO EM OPERAÇÃO: ENFRENTAMENTO AO GÊNERO E À PLURALIDADE DA SOCIEDADE BRASILEIRA¹

*Lilian Sales*²

Resumo: Analisaremos neste artigo as novas características adquiridas pelo ativismo católico antiaborto e antigênero no Brasil nos últimos cinco anos, acompanhado pela formação e atuação de grupos católicos que se reconhecem como conservadores e tradicionalistas. O ponto de partida da investigação foi o exame de algumas cenas nos quais observamos esse ativismo em operação em manifestações públicas e campanhas antiaborto e antigênero. Iniciamos a observação destas manifestações no ano de 2018, e prosseguimos até 2022, inclusive durante o período pandêmico, nos quais nos detivemos na análise das publicações *online*. Como resultado, identificamos duas características deste novo ativismo, que se diferenciam do ativismo anterior: a incorporação de elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica no enfrentamento público ao posicionamento pela descriminalização do aborto e dos direitos sexuais e reprodutivos e a adoção de atitudes de combate e enfrentamento aos grupos antagonistas, representados por movimentos da sociedade civil, especialmente aqueles defensores dos direitos relacionados ao gênero e à reprodução da vida. Esse ativismo católico mobiliza referenciais de um modelo de Igreja anteriores ao Concílio Vaticano II, contrapondo-se aos ideais de liberdade e pluralidade religiosa e, de maneira mais ampla, ao secularismo. Trata-se de um ativismo ostensivamente católico e radicalmente antipluralidade.

Palavras-chave: Ativismo católico; Campanhas antigênero; Igreja Católica; Conservadorismos religiosos.

¹ Como citar: SALES, Lilian. O ativismo católico em operação: enfrentamento ao gênero e à pluralidade da sociedade brasileira. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 44, p. 91-122, 2023.

² Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: lilian.sales@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4169-1149>.

*CATHOLIC ACTIVISM IN OPERATION: CONFRONTING GENDER AND
PLURALITY IN BRAZILIAN SOCIETY*

Abstract: In this article, we will analyze the new characteristics acquired by Catholic anti-abortion and anti-gender activism in Brazil in the last five years. To produce this article, we observed this activism in operation in public demonstrations and anti-abortion and anti-gender campaigns that we observed from 2018 until 2022, including during the pandemic period, in which we focused on analyzing online publications. As a result, we identified two characteristics of this new activism: the incorporation of symbolic and ritual elements of the Catholic Church in the public confrontation against the decriminalization of abortion and sexual and reproductive rights, and the confrontation of antagonistic groups, represented by civil society movements, especially those that defend the rights of gender and the reproduction of life. This Catholic activism mobilizes references from a Church model prior to the Second Vatican Council, confronting the ideals of freedom and religious plurality and, more broadly, of secularism. This is an activism that is ostensibly Catholic and radically anti-plurality.

Keywords: Catholic activism; Anti-gender campaigns; Catholic church; Religious conservatism.

Este artigo³ se propõe a analisar as características do ativismo católico antiaborto e antigênero no Brasil, e começou a ser pensado a partir de dois protestos ocorridos em 2018: a Marcha em Defesa da Vida realizada no dia 03 de Dezembro de 2018 em São Paulo, na Avenida Paulista; e a Procissão para a Conversão dos Abortistas, realizada em Junho de 2018 na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro protesto foi organizado como reação a uma Ação Judicial que deverá ser julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 442, que, caso aprovada, permitiria a interrupção da gestação até a 12ª semana, e teria potencial para descriminalizar o aborto no Brasil. O segundo evento foi uma procissão

³ Resultado do projeto "O ativismo católico: bioética, direitos reprodutivos e gênero nos materiais da Fundação Jérôme Lejeune", financiado pela Fapesp (processo 2021/15072-3) e a quem agradecemos o apoio.

organizada pelo instituto católico "Centro Dom Bosco" para confrontar um ato realizado por movimentos de mulheres também na cidade do Rio de Janeiro, na mesma data.

Nos dois eventos notamos a presença de novas características do ativismo antiaborto no Brasil, em especial a adoção de um posicionamento de confronto/combate aos grupos e movimentos considerados rivais (que não compartilham do posicionamento antiaborto e defendem os direitos relacionados ao gênero e/ou aos direitos sexuais e reprodutivos) e o acionamento de elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica na defesa do posicionamento antigênero e antiaborto.

As duas características representam uma novidade em termos de ativismo católico antigênero. Acompanho as disputas públicas em torno da início da vida no país ocorridas desde o início dos anos 2000, tendo identificado e mapeado atores, movimentos e instituições autodenominadas "pró-vida", bem como as estratégias, repertórios e gramáticas acionados na defesa desse posicionamento na esfera pública nacional (Sales, 2015; 2021). Naquele momento, o a ativismo pró-vida era realizado por meio da utilização de elementos das ciências e dos direitos, inclusive dos direitos humanos, no intuito de imputar vida humana e pessoalidade aos fetos e embriões, e defender a convicção de que a vida humana se inicia na fecundação. Aproximavam-se, por sua forma de atuação, da concepção de "secularismo estratégico": expressão cunhada por Juan Vaggione (2017), segundo a qual, apesar da disposição religiosa deste ativismo (eram grupos vinculados ao catolicismo), havia uma convergência na estratégia de acionar fontes normativas seculares para defender suas convicções religiosas e suas pautas políticas. O *modus operandi* acadêmico científico e os referenciais das ciências e dos direitos eram utilizados de forma a legitimar as posições, argumentos e procedimentos de atores católicos em debates públicos, disputas políticas e judiciais. Já os elementos religiosos, teológicos ou simbólicos, estavam ausentes destas disputas.

Entretanto, nas manifestações de 2018, logo de imediato identificamos, paralelamente à presença de novos atores, a mobilização de referenciais

simbólicos e rituais estranhos ao universo de disputas antiaborto presentes no início dos anos 2000, e que atuavam na contramão da concepção de secularismo estratégico por sua dimensão explicitamente católica, em especial pela utilização de elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica nas manifestações públicas: a procissão, a Virgem de Fátima, a oração do Rosário, a venda de livros de teologia moral católica durante os protestos, entre outros elementos do universo religioso católico. Em outros termos, há uma explicitação do vínculo religioso católico nas cenas e enunciados que serão demonstrados, que se utilizam publicamente dos elementos simbólicos e rituais do catolicismo para defender o posicionamento antiaborto.

Além disso, a maneira de agir publicamente também passava por alterações. Em nossas pesquisas anteriores, notamos a utilização de estratégias de convencimento: a adoção de repertórios das ciências, dos direitos e dos direitos humanos com vistas a produzir adesão ao argumento antiaborto de que a vida humana teria início na fecundação, aos quais eram acrescentados elementos de sensibilização, por meio do relato de histórias reais, de imagens, vídeos e cenas que demonstram sofrimentos, alegrias, relações, emoções. A dimensão dos afetos, sobretudo por meio de imagens, vídeos e narrativas personalizadas, era parte importante das estratégias para angariar adesão ao posicionamento "pró-vida", sendo componente importante nas disputas públicas em torno do "início da vida" dos anos 2000 (Sales, 2020b).

Já nas manifestações antiaborto e antigênero recentes, analisadas a partir de 2018, notamos a centralidade da ideia de combate e do confronto direto aos "oponentes". Importa mencionar que o cenário nacional em 2018, quando iniciamos esta pesquisa, acabava de passar por uma importante alteração: a recente eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República. Logo de início, observamos que parcela importante desses novos atores presentes na Marcha em Defesa da Vida e na Procissão para a Conversão dos Abortistas era constituída por grupos e movimentos que o apoiaram nas eleições e que viriam a se constituir em base apoio de seu governo. Notamos a substituição das estratégias de sensibilização (pelos afetos) e de convencimento (por meio de argumentos racionais) pelo enfrentamento

e dos grupos rivais, no caso os defensores da descriminalização do aborto, transformando-os em inimigos, e não mais adversários.

O surgimento desse ativismo católico de combate, que se mobiliza publicamente na defesa das causas antiaborto e antigênero, se faz em meio a um contexto de ascensão de populismos conservadores e de uma política de base antagonística, fortemente embasada na criação de "inimigos" como forma de busca por ordem e segurança. Esse pano de fundo não pode ser ignorado, pois é mobilizado com frequência nas ações empreendidas nesse ativismo: em suas manifestações públicas, em ações judiciais e em campanhas antigênero, que serão alvo de análise neste artigo.

As características do ativismo político conservador vêm sendo estudadas por autores no Brasil, embora não no campo diretamente relacionado ao ativismo antiaborto ou antigênero, mas sim em relação ao surgimento dos movimentos da "Nova Direita" no país, principalmente aqueles que constituem a base de apoio de Jair Bolsonaro (Kalil, 2022; Rocha, 2018; Solano, 2018), ou por autores que analisam a identidade e a representação no bolsonarismo (Cesarino, 2019) ou ainda as suas formas de ação e atuação. Esse "novo ativismo de direita" incorporou a defesa da vida desde a concepção entre as suas principais bandeiras. Inclusive, essa causa se torna política de governo na administração de Jair Bolsonaro, sendo defendida, por exemplo, por representantes do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos durante seu governo. Observamos as semelhanças nas estratégias de ação e nos repertórios por ativistas católicos antiaborto e os movimentos da "Nova Direita" ou "neoconservadores" ligados ao bolsonarismo.

A mobilização de atores católicos (individuais e coletivos) no ativismo antiaborto no país não é recente. Pelo contrário, desde a redemocratização são observadas tensões e disputas entre representantes do catolicismo, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e movimentos que defendem a expansão dos direitos sexuais e reprodutivos, não apenas do aborto, sobretudo os movimentos de mulheres e feministas. Esta tensão está instalada pelo menos desde a disputa em torno da Constituição de 1988, quando a CNBB empreendeu uma ferrenha disputa contrária aos

movimentos de mulheres que defendiam a descriminalização do aborto na nova Constituição Brasileira, promulgada em 1988. A posição da Conferência Episcopal era de que a frase "defesa da vida desde a concepção" fosse colocada no texto da Constituição, impedindo a realização do aborto em qualquer situação (Dalmolin, 2011; Rocha, 2005). Isso representaria um retrocesso em relação à legislação anterior, que previa o aborto legal nos casos de estupro e de risco de vida da mãe. A posição da Igreja não foi contemplada na nova Constituição, mas também não a dos movimentos de mulheres. Neste momento não houve vencedores, e as disputas em torno dos direitos sexuais e reprodutivos, de forma mais geral, e mais especificamente do aborto, foram postergadas para os anos 2000, quando questões relacionadas ao início da vida humana voltaram à esfera pública brasileira.

Novamente a Igreja Católica, por meio de suas instituições e movimentos, volta a se engajar em disputas públicas "pró-vida" e "antiaborto", como no caso de duas ações julgadas na Suprema Corte Brasileira: a ADI 3.510, que julgava a permissão de uso de células embrionárias em pesquisas científicas (2008) e a Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 54, que julgava o direito à interrupção da gestação em caso de anencefalia do feto (2012). A CNBB teve participação ativa nas duas ações: participou das audiências no STF, realizou reportagens nas mídias laica e religiosa, divulgou documentários contrários às ações e organizou marchas em "defesa da vida". Ambas as ações são marcadas por intensos debates públicos, mobilizando agentes de diferentes áreas nos dois polos da discussão: favoráveis ou contrários às ações. Elas extravasaram as fronteiras da esfera judiciária onde ocorreu o julgamento, entrando para o debate público e mobilizando atores em sua defesa ou em sua oposição. As controvérsias se reproduziram em múltiplas cenas: nas mídias, em jornais e sites, na audiência pública que antecedeu as ações, na produção de documentários sobre essas temáticas (como a anencefalia), em marchas "em defesa da vida", nas quais o protagonismo de atores vinculados ao catolicismo era notado.

Além da CNBB, movimentos pró-vida compostos e vinculados a instituições da Igreja Católica também participaram do enfrentamento a aprovação

das duas ações. Há uma integração entre os movimentos anti-aborto e instituições da Igreja Católica⁴ (Rezende, 2016). Embora nos dois casos o posicionamento "pró-vida" tenha sido derrotado (as duas ações foram aprovadas pelo Supremo Tribunal Federal), as tentativas de interferência de atores vinculados ao catolicismo na expansão dos direitos reprodutivos ficou mais uma vez explicitada.

Entretanto, a defesa da convicção de que a vida se inicia na fecundação, presente na doutrina católica, foi realizada por atores que dominavam as linguagens em jogo nas arenas em questão: das ciências e dos direitos (Sales, 2015, 2020a; Luna, 2018, 2010). Juristas e cientistas ligados à Igreja Católica realizaram exposições contrárias às ações. O *modus operandi* acadêmico científico deu o tom das discussões em torno do "início da vida", pela escolha dos porta-vozes e pelas gramáticas acionadas. Na encenação das justificativas, os ativistas "pró-vida" vinculados ao catolicismo não usaram termos, referências e crenças convencionalmente compreendidos como "religiosos" ou teológicos, como dogmas de fé, personagens sagrados, passagens bíblicas ou de textos confessionais. Em vez disso, priorizaram a adoção de justificativas e argumentos baseados em interpretações e citações científicas e jurídicas (Montero, Silva e Sales, 2018; Luna, 2018).

Já nas cenas analisadas neste artigo, referentes aos últimos cinco anos, esse ativismo "pró-vida" católico vem adquirindo novas características. Duas delas se destacam e serão alvo de análise neste artigo: a incorporação de elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica no enfrentamento público ao posicionamento favorável à descriminalização do aborto e aos direitos sexuais e reprodutivos, e a adoção de atitudes de combate e enfrentamento, que elege inimigos e antagonistas entre grupos e movimentos da sociedade civil.

Analisaremos a renovação deste ativismo no universo do catolicismo. O ponto de partida para a produção deste artigo foi o exame de algumas

⁴ O *Movimento para a Cidadania: Brasil sem Aborto* possui entre seus principais membros a Pastoral da Família (órgão da Conferência Episcopal) e a Associação Nacional Pró-vida e Família é ligada diretamente à CNBB.

cenar nos quais observamos esse ativismo em operação. Acompanhamos as manifestações públicas antiaborto e antigênero desde 2018, realizadas de forma física ou virtual, entre elas: a Procissão para a Conversão dos Abortistas e a Marcha em Defesa da Vida de São Paulo, ambas em 2018; tivemos acesso ao Ato de Reparação contra a Missa Afro, ocorrido no Rio de Janeiro em 2019; e acompanhamos a oposição e o boicote à Campanha da Fraternidade Ecumênica (CFE) de 2021, ocorrida ao longo dos meses de março e abril de forma virtual, durante a pandemia de Covid-19.

Os primeiros resultados desta pesquisa, organizados em artigo recente, identificaram quais são os atores recém-integrados ao ativismo católico antiaborto no Brasil e o modelo de Igreja e de catolicismo defendido por eles (Sales, 2023, no prelo). Já na segunda etapa da pesquisa nos voltamos para a observação das suas maneiras de atuação, dos referenciais discursivos e simbólicos mobilizados por esse "novo ativismo", vinculado ostensivamente ao catolicismo e que se engaja fortemente nas ações antiaborto e antigênero recentes no país.

No artigo mencionado (Sales, 2023, no prelo), identificamos dois grupos católicos atuantes no ativismo antiaborto: O Centro Dom Bosco e o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. O Centro Dom Bosco foi fundado em 2016, tendo completado cinco anos em 2021. A sua sede está localizada no Rio de Janeiro, sendo constituída por um escritório e uma sala de eventos decorada com ícones da Igreja Católica, com destaque para os Rosários e para as imagens de Nossa Senhora. Já o Instituto Plínio Corrêa tem origem na tradição contra revolucionária francesa, inspiradora de toda uma linhagem de pensamento e ação antimoderna brasileira iniciada na década de 1920 e que representa a continuidade da Tradição, Família e Propriedade (TFP) no país. Seus seguidores se reorganizaram a partir de 2006, com a fundação do Instituto com o nome do principal líder da TFP no país: Plínio Corrêa de Oliveira.

Estes dois grupos católicos aderem intensamente ao ativismo anti-aborto, participam de atos públicos, como da Marcha em Defesa da Vida e a Procissão para a Conversão dos Abortistas, efetuam ações jurídicas anti-gênero (como

na ação contrária à Organização não governamental (ONG) *Católicas pelo Direito de Decidir* e em várias ações contra o grupo de humor *Porta dos Fundos*), e formulam de campanhas anti-gênero, como foi o enfrentamento da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021, cujo texto-base abordava as violências cometidas contra a população LGBTQIA+ no Brasil. Três destes episódios: a Marcha em Defesa da Vida, a Procissão para a Conversão dos Abortistas e o boicote à Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 forneceram dados para as análises desenvolvidas neste artigo.

Além disso, o Centro Dom Bosco e o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira possuem uma grande movimentação online em canais do Youtube, páginas do *Facebook* e do *Instagram*, nos quais publicam com frequência vídeos, conferências, reportagens, imagens, fotos, frases e *memes* antiaborto. Esses grupos defendem um modelo de catolicismo e de Igreja anteriores ao Concílio Vaticano II, aproximando-se do paradigma tridentino (Prodi, 2010) e/ou do modelo ultramontano (Azzi, 2006). Além disso, eles compartilham da forte oposição aos princípios de liberdade de consciência e do pluralismo religioso, opondo-se ao modelo de modernidade instituído pelo Concílio Vaticano II para a Igreja Católica (Casanova, 1994; Prodi, 2010).

Iniciaremos pela descrição e análise de duas manifestações públicas organizadas pelo Centro Dom Bosco em 2018 e 2019, que se caracterizam pelo enfrentamento e pela denúncia de grupos e movimentos da sociedade civil, percebidos como inimigos: o movimento de mulheres e o movimento negro.

O ATIVISMO CATÓLICO EM OPERAÇÃO: A PROCISSÃO PARA A CONVERSÃO DOS ABORTISTAS E O ATO EM DESAGRAVO À MISSA AFRO

No dia 22 de julho de 2018 foi realizado um ato público antiaborto no Rio de Janeiro, chamado de "Procissão para a Conversão dos Abortistas". A procissão foi organizada pelo Centro Dom Bosco (CDB), contando com a

participação da então candidata a deputada Federal Christiane Tonietto⁵. O convite para a participação foi realizado a partir das redes sociais do CDB e da candidata, sendo compartilhado por outros grupos católicos. De acordo com os organizadores, a procissão foi uma reação a outro ato, convocado por movimentos de mulheres com destino a Igreja de Nossa Senhora da Candelária e que teria, entre suas reivindicações, a descriminalização do aborto. O objetivo inicial era que a procissão também se dirigisse à Candelária, para confrontar (ou converter, de acordo com o tema da procissão) as mulheres participantes do ato antagônico. Ao longo do evento, entretanto, o Padre que estava à frente da procissão alterou o seu destino, justamente para evitar o confronto.

A intenção do confronto direto, de enfrentamento aos grupos antagônicos, já indica o teor combativo da manifestação, que se repete em outras de suas passagens, como no convite para a participação na procissão, que traz elementos do ideário combativo no qual está inserido evento:

Ao combate!

Nossos amigos do Centro Dom Bosco estão organizando uma procissão nesta sexta-feira (22), no Rio de Janeiro, pela conversão dos abortistas. O momento é gravíssimo! Não bastasse toda a pressão internacional, recentemente, o PSOL ajuizou a ADPF 442 perante o STF na tentativa de legalizar o aborto no Brasil até a 12ª semana de gestação.

Chega de meias palavras! Chega de eufemismos! A outrora católica Irlanda dobrou-se aos caprichos do lobby feminista. A Argentina está prestes a sancionar

⁵ Tonietto foi eleita deputada federal em 2018 e reeleita em 2022. A sua atuação como parlamentar está primordialmente voltada para ações antiaborto, colocando a "defesa da vida" como a sua principal bandeira. Na atual legislatura ela é a vice-presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Vida na Câmara Federal.

a nefanda lei abortista, cuja aprovação no parlamento foi insanamente festejada por centenas de feministas.

O que estamos esperando? Manteremos a postura tibia de "diálogo com as realidades contemporâneas" ou partiremos para o bom combate, tal como fizeram incontáveis santos e mártires no passado glorioso?

Reverendíssimos pastores, reajam!, conduzam-nos!, protejam-nos! Não permitam que o rebanho que lhes foi confiado seja devorado pelos lobos da Revolução⁶.

O chamamento para a procissão é um convite para o combate, seu título já explicita qual é a tarefa dos católicos no evento: combater os "abortistas", mais especificamente as feministas, que representam os defensores do aborto em países do todo o mundo. Elas são os alvos a serem enfrentados, do "bom combate", nos termos do convite, que chama os católicos à batalha e nomeia, personifica, um inimigo que precisa ser contido: o movimento feminista. Há um chamamento para se "combater o bom combate", a exemplo dos antigos santos mártires do catolicismo, que morreram na luta em defesa da fé católica. Como naquele momento, o catolicismo estaria mais uma vez sob ataque e precisa ser defendido dos novos inimigos pertencentes ao mundo contemporâneo.

Além do convite, a performance ao longo da procissão aciona elementos e imagens relacionados ao combate no imaginário do catolicismo. Para frear esse "mal" são utilizados os elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica: a procissão, a oração do rosário e os cânticos à Maria, especialmente aqueles associados ao combate. Nossa Senhora do Rosário é a imagem que segue à frente da procissão, conduzindo os católicos que entoam o seguinte cântico:

⁶ Disponível em: <https://fratresinunum.com/2018/06/21/ao-combate/>. Acesso em: 23/05/2023.

"Quem é esta que avança como aurora/ Temível como um exército em ordem de batalha/ Brilhante como o sol e como a lua/Mostrando o caminho aos filhos seus".

A performance ao longo do ritual se remete à condução de um exército de católicos, liderados por Nossa Senhora do Rosário, invocação associada ao enfrentamento dos inimigos no universo simbólico do catolicismo. Essa é a performance: a Virgem Maria em seu andor segue à frente da procissão, conduzindo o seu exército de católicos no combate ao "inimigo" representado, no caso, pelas feministas.

A concepção da importância do "combate em defesa da fé" é recorrente nos enunciados e performances presentes nas manifestações públicas antiaborto e antigênero, como no caso da Procissão para a Conversão dos Abortistas, estando muitas vezes associados a elementos simbólicos de longa duração na Igreja Católica, como os santos mártires, que deram a vida na defesa da fé católica, e Nossa Senhora do Rosário, invocação guerreira e combativa de Maria desde a Idade Média, que conduz exércitos contra os infiéis. Há um referencial simbólico de longa duração que é acionado no enunciado e ao longo da procissão, e se relaciona a inimigos a serem combatidos pelo exército da Virgem, ou os infiéis a serem convertidos. A performance e os discursos ao longo da manifestação indicam os inimigos a serem combatidos por meio dos rituais e da simbologia do catolicismo. A invocação da Virgem Maria seguia à frente dos exércitos de cruzados no período medieval. Desde esse momento se constrói uma simbologia guerreira de Nossa Senhora, associada ao Rosário e ao combate aos inimigos, no caso, os infiéis muçulmanos (Warner, 1983). A procissão aciona estes elementos de longa duração no imaginário católico para se combater novos inimigos: os movimentos de mulheres.

A procissão foi chamada no mesmo dia e horário no qual grupos de mulheres organizavam um ato no Rio de Janeiro, com destino a Candelária. No convite ao evento também fica explícito o motivo do ritual: a conversão das feministas "abortistas". O perigo representado por estas mulheres e este movimento é reiterado diversas vezes, elas representam o mal, que no universo simbólico do catolicismo é representado pelo demônio, que precisa

ser enfrentado, por isso a necessidade da Procissão, do Rosário, da Virgem, do universo simbólico e ritual católico, enfim.

Há uma postura combativa nestes grupos: o enfrentamento é performatizado por meio dos referenciais simbólicos e rituais católicos: a procissão e a oração do rosário, os cânticos e a imagem da Virgem Maria conduzindo os fiéis. Entretanto, a confrontação ultrapassa a performatização e os discursos: os ativistas católicos pretendem enfrentar as "feministas abortistas", a batalha simbólica e espiritual se estende para o plano físico da confrontação aos grupos identificados com o inimigo, o mal. O fato de a procissão ser realizada no mesmo dia, horário e com o mesmo destino na cidade nos diz algo sobre as características desse novo ativismo católico antiaborto.

Essa postura de enfrentamento, que se assemelha a uma provocação aos grupos antagonistas, ou ainda com a postura de "tirar satisfação" com os rivais, foi identificada em outra cena protagonizada pelo Centro Dom Bosco, no Rio de Janeiro: a participação na missa afro realizada na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus no dia 20 de novembro de 2019, dia da Consciência Negra. Embora não tenha relação direta com o ativismo antiaborto, esse caso demonstra mais uma vez os inimigos a serem combatidos por estes ativistas católicos, bem como a sua maneira de agir, realizada por meio da confrontação direta aos "inimigos" e pelo acionamento dos elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica.

Nessa data, alguns membros do CDB se dirigiram à Paróquia do Sagrado Coração, onde estava prevista a realização de uma missa afro, com a apresentação de cantos e danças reverenciando as origens africanas de parcela dos católicos brasileiros. A princípio, eles tentaram conversar com o Padre responsável pela missa, para dissuadi-lo de celebrar a missa com as apresentações. Diante da negativa do Padre em recebê-los, o grupo decidiu permanecer na missa, orando de joelhos para expressar seu protesto. Segundo eles, a celebração "profanava o rito católico", e por esse motivo não deveria ser celebrada. Em outras palavras, as manifestações de dança e música realizadas durante a missa afro não fariam parte do ritual estabelecido pelo catecismo da Igreja Católica, pelo Magistério da Igreja e por sua ortodoxia, enfim.

As intervenções "estariam proibidas pela tradição litúrgica da Igreja", nas palavras de um dos manifestantes, elas seriam uma profanação a fé católica, e, por esse motivo, ao seu final, eles permaneceram na Igreja, rezando o Rosário como uma forma de "Ato de Desagravo" às apresentações musicais durante a missa.

Neste caso, ao contrário da situação anterior, não está explícito quem seriam os inimigos, eles não estão nomeados, como estavam as feministas/abortistas. Entretanto, o "Ato de Desagravo" novamente demonstra a utilização dos elementos do universo simbólico católico nos enfrentamentos, neste caso no interior da Igreja Católica. Seria preciso rezar o Rosário, a oração que tem poder de combater o "mal" e os inimigos, realizando assim um desagravo que seria capaz de desfazer o mal, a ofensa, ocorrida naquele templo: as manifestações ao longo da missa afro, celebrada por um padre e com a presença de fiéis católicos. Eram católicos do Centro Dom Bosco rezando para desagravar a profanação do rito católico realizada por outros católicos. Haveria, pois, inimigos internos a serem combatidos, a "verdadeira fé" precisa ser defendida das profanações ocorridas no seu próprio cerne.

Os inimigos por vezes são externos ao catolicismo, como na primeira manifestação, a Procissão pela Conversão dos Abortistas, em que os inimigos eram exteriores ao corpo institucional da Igreja Católica, e precisariam, inclusive, ser "convertidos": era necessário lhes mostrar a "verdade" da fé católica. O movimento de mulheres, as feministas, representam os infiéis e precisam ser convertidas, como nas Cruzadas era preciso combater os pagãos e convertê-los. O referencial da "conversão dos infiéis" é um tema de longa duração na história do catolicismo, e, em alguns momentos, volta a ser acionado por grupos ou instituições vinculados à Igreja.

Na performance observada durante a procissão há uma combinação entre os referenciais simbólicos do combate no catolicismo, alguns muitos antigos e que remetem a Idade Média, às Cruzadas, aos santos mártires, e à Virgem condutora de exércitos, porém, acionados no enfrentamento aos inimigos do mundo contemporâneo: os movimentos em defesa dos direitos das minorias, como o movimento de mulheres e o movimento negro. Além

disso, existe uma combinação entre o universo simbólico de longuíssima duração na Igreja Católica e as estratégias dos movimentos ligados ao bolsonarismo, nos quais ocorre a construção dos adversários políticos enquanto inimigos que devem ser enfrentados.

Entretanto, nem todos os inimigos são exteriores. Notamos que há também um enfrentamento contra grupos e instituições pertencentes ou vinculados à Igreja Católica, inclusive aqueles que compõem o seu corpo institucional. A tentativa de impedir a realização da missa afro em 2019, no qual houve um confronto com o padre que celebrava o ritual, foi um primeiro exemplo do "combate a inimigos internos", e que notamos se repetir em outras manifestações públicas destes grupos. Há uma batalha interna travada contra vertentes do catolicismo, instituições de leigos e mesmo contra setores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB.

Outras cenas, como o boicote à Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021, demonstraram outros confrontos contra inimigos do interior da Igreja, nas quais a acusação de professarem uma "falsa religião" é recorrente. Neste caso, a denúncia é direcionada para a CNBB, responsável pela organização da CFE.

O CATOLICISMO DE COMBATE E A PRODUÇÃO DE INIMIGOS: O COMBATE AOS INIMIGOS NO INTERIOR DO CATOLICISMO E AO ECUMENISMO

No ano de 2021, a Campanha da Fraternidade Ecumênica, realizada anualmente pela CNBB durante o período da Quaresma, foi promovida de forma ecumênica, em parceria com outras Igrejas Cristãs. Esta foi a quinta edição da Campanha a congregar diversas denominações cristãs⁷,

⁷ A partir do século 21, a cada cinco anos a campanha é realizada de forma ecumênica. É quando a escolha do assunto não recai somente sobre um colegiado da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), mas sim a membros do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (Conic) – também integrado pela Igreja Católica.

e teve como tema "Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor". O lema da campanha foi "Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade". Em linhas gerais, faz um apanhado da importância da unidade entre os povos, as etnias e as religiões, valorizando as especificidades de cada um deles. No cartaz oficial da campanha estava representada uma ciranda, na qual pessoas de diferentes origens étnicas, idades e religiões – indígenas, negros, padres, cadeirantes, freiras, judeus, adultos, crianças e idosos – estão de mãos dadas, cirandando. A ideia geral é de que todos comporiam uma unidade, mas ressaltando as múltiplas diversidades: de cor, de credo, de gênero, de idade e de inserção física.

Um parágrafo específico do texto base da CFE-2021, o parágrafo 68, deu início a reações contrárias a ela por mencionar as violências vivenciadas pela população LGBTQIA+ no Brasil. Houve múltiplas críticas e acusações a este parágrafo específico e à Campanha de forma geral, que culminaram na organização de um boicote à Campanha da Fraternidade Ecumênica, conclamando os sacerdotes a não a utilizarem durante o período da quaresma e aos católicos a não realizarem doações a ela. O boicote foi promovido principalmente pelas instituições mencionadas no início deste artigo: Centro Dom Bosco e Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. Denúncias à Campanha da Fraternidade Ecumênica circularam intensamente na *internet*, em vídeos, aulas e palestras em seus canais do *Youtube* e postagens em suas redes sociais, acusando a Campanha e seus organizadores: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

"A nova Campanha da Fraternidade da CNBB escandaliza fiéis católicos, usa a linguagem pró-LGBT (movimento homossexual, ideologia de gênero, etc.) e se aproxima, cada vez mais, de uma nova religião, sem Deus e sem moral objetiva. Para escândalo dos fiéis católicos, a CNBB se afasta cada vez mais da doutrina bi-milenar da Santa Igreja."⁸

⁸ Disponível no site do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira: <https://ipco.org.br/campanha-da-fraternidade-da-cnbb-escandaliza-fieis-uma-nova-religiao-sem-deus-e-pro-lgbt/>. Acesso: 08/03/2022.

"Revolucionários defensores de pautas identitárias (foram) que produziram essa Campanha da Fraternidade(..).Eles se infiltraram na Igreja Católica e fizeram uma cartilha do PSOL para ser divulgada em todas as dioceses brasileiras. Cada capítulo do texto base da Campanha da Fraternidade é uma pauta do processo revolucionário.(...) Seria a Teologia ecofeminista da libertação, que corrompe a CNBB e incorpora as pautas identitárias: ideologia de gênero, aborto, feminismo, racismo e ditadura ambiental."⁹

"Não há unidade fora da verdade, fora da santa Igreja Católica, o único caminho da salvação. Não há ecumenismo com protestantes, a passagem é para a conversão dos erros deles. Todos são chamados a serem católicos."¹⁰

"A Campanha da Fraternidade Ecumênica é repleta de linguagem pró-lutas de classe e lutas de raça, favorável aos direitos dos homossexuais, que acaba por naturalizar esse pecado para os católicos. A Foto oficial da CF 2021: Cristo é a nossa paz. O cartaz com a ciranda sincretista, ele é muito grave, é anti-cristã. (...) Ele representa a ciranda do sincretismo relativista, que coloca todas as religiões no mesmo barco. É um cartaz que quer destruir a civilização cristã e a religião católica. (...) É uma blasfêmia contra os mártires que se negaram a abraçar os falsos deuses, e nós estamos vendo agora bispos da santa Igreja abraçar dentro de uma ciranda todas as religiões A Igreja Católica e a civilização cristã vem sendo atacada de todos os lados, seja pelo movimento homossexual, seja pela revolução comunista, seja pela revolução cultural, o aborto, o divórcio (...)."¹¹

⁹ Disponível no canal do Youtube do Centro Dom Bosco: <https://www.youtube.com/watch?v=wQ4LBvA6trw>. Centro Dom Bosco. Acesso: 10/02/2022.

¹⁰ Disponível no canal do Youtube do Centro Dom Bosco: <https://www.youtube.com/watch?v=wQ4LBvA6trw>. Centro Dom Bosco. Acesso: 10/02/2022.

¹¹ O vídeo publicado no canal do Youtube do Instituto Plinio Corrêa de Oliveira em 27/02/2021 está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=glFPSuZb4h8>. Acesso em: 26/02/2023.

"Começamos a combater os erros da "demoníaca, diabólica CF", e não foram poucos os bispos que citaram esse evangelho (...)." ¹²

Várias acusações à Campanha da Fraternidade Ecumênica são observadas nos enunciados. Destacamos duas delas: a acusação da presença de "revolucionários" infiltrados, que corrompem a fé católica; e a denúncia do sincretismo, da perda da pureza da religião católica devido ao ecumenismo, a aceitação do pluralismo religioso. No que se refere à primeira acusação, existiriam grupos externos à Igreja Católica, que professariam valores anti-cristãos, que estariam "infiltrados" no corpo da Igreja, apoiados, inclusive, por sacerdotes e por bispos de sua mais alta congregação, a CNBB.

Os infiltrados seriam, na verdade, "falsos católicos", não pertencentes à "verdadeira fé", responsáveis pela "corrupção" do catolicismo. Diversas versões dessa mesma colocação estão presentes em suas publicações nas redes sociais, em palestras e cursos promovidos pelos grupos, em aulas nos canais da *internet*. Em muitos casos, os "infiltrados" são classificados de "revolucionários" ou ainda de "militantes" incutidos nas instituições da Igreja com o objetivo de desviar os católicos da fé "verdadeira" e/ou de destruir a "civilização católica". Parcela dos bispos da CNBB é assim classificada, deturpadores da "verdadeira religião católica" e produtores de heresias.

Embora haja inimigos externos nomeados, há um combate interno travado contra adversários que se encontram no cerne da Igreja Católica e que promovem as campanhas oficiais da instituição no país, como as Campanhas da Fraternidade. Os "falsos católicos" estão presentes no corpo institucional da Igreja e ocupam postos de poder. O edifício da Igreja estaria ruindo a partir de seu interior, a partir de defensores de uma "falsa religião" infiltrados na instituição católica, inclusive em sua mais alta instância sacerdotal: a CNBB.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQ4LBvA6trw>. Acesso em: 20/05/2023.

Observa-se que a acusação da deturpação da "verdadeira religião católica" é recorrente e se assemelha àquelas identificadas durante a missa afro, segundo as quais o ritual católico autêntico teria sido profanado pelas manifestações de cânticos e danças. Na cena da missa afro, o termo "sincretismo" era utilizado de forma pejorativa, o incômodo com o ritual estava relacionado à perda de sua pureza e autenticidade, ou seja, à mistura com elementos estranhos à ritualística católica pura, aquela presente no catecismo da Igreja, no entendimento dos acusadores.

As acusações de deturpação, desvio, corrupção e profanação da fé católica, que escandalizam os "verdadeiros fiéis", indicam o posicionamento contrário à pluralidade interna do catolicismo. Nas cenas e enunciados observados, a defesa da "verdadeira fé", do ritual autêntico e correto é frequente, bem como a condenação de tudo aquilo que, em termos de doutrina, de ritualística ou de devoção, se afaste do modelo de catolicismo considerado correto. Diante disso, não admitem a diversidade interna na religião católica: pelo contrário, buscam eliminá-la da Igreja, acusando-a de falsidade, deturpação, desvio, corrupção, heresia, enfim.

A pluralidade interna do catolicismo, marcante das formas de ser católico e de exercer essa religiosidade no Brasil (mas não só aqui), composta pela multiplicidade e plasticidade nos modos de ser católico, vastamente estudada (Teixeira, 2005; Brandão, 2004) é alvo de combate por estes ativistas, que se colocam como os detentores exclusivos da verdadeira fé católica. Se o modo pelo qual se formou a identidade católica no Brasil envolveu "mecanismos de fagocitose", que trouxeram uma roupagem plural ao catolicismo brasileiro (Sanchis, 1994), o modelo de Igreja e catolicismo defendidos por estes ativistas opera por meio da rejeição e da expulsão, buscando excluir do corpo da Igreja tudo aquilo que não se adéqua ao modelo de Igreja, de ritual e de doutrina, concebidos como verdadeiros por eles.

Nesta trincheira, um dos inimigos nomeados é a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Ela seria uma instituição "contaminada", os ideais do inimigo já estariam nela infiltrados, que teria perdido a pureza da fé católica autêntica. Os "verdadeiros católicos" não podem se calar

diante desta profanação, pelo contrário, eles precisam ir para o confronto e exterminá-la. O combate a inimigos "de dentro", presentes no corpo institucional da Igreja, é fundamental, pois representaria a defesa da Igreja, da fé e da "civilização católica".

A defesa de um ideal de Igreja e de catolicismo puro, livre de misturas e deturpações, apontam para um modelo de Igreja anterior ao Concílio Vaticano II¹³. No campo das vertentes do catolicismo, esses grupos podem ser associados aos grupos "católicos da identidade", segundo a classificação efetuada por Philippe Portier (2012), definidos como grupos e movimentos católicos que se opõem ou não aderem completamente aos princípios estabelecidos a partir do Concílio Vaticano II, que se opõem às posturas modernizantes adotadas ou aceitas pela Igreja Católica após o Concílio, relativas ao ritual católico e a sua doutrina, mas também à aceitação das demais religiões cristãs por meio do ecumenismo.

No caso do Brasil, esses grupos estiveram pouco atuantes durante o período da redemocratização, nas últimas três décadas. Somente nos últimos anos voltaram a se mobilizar publicamente, em manifestações e atos públicos, ações judiciais e campanhas, conforme observamos neste artigo. Embora esses grupos e o modelo de Igreja defendido por eles não seja hegemônico no catolicismo brasileiro, o fato deles voltarem a se organizar e disseminar publicamente os ideais de religião católica pré-conciliares em distintas esferas – na esfera jurídica, na esfera pública política e no espaço público físico e virtual – é merecedora de análise.

Concomitantemente ao enfrentamento à pluralidade no interior da Igreja Católica, observamos que a concepção da superioridade do catolicismo sobre as demais religiões também é acionada nos enunciados. Todas as demais são "falsas religiões", são "sem deus" incapazes de levar os indivíduos à salvação. O ideário mobilizado nesses enunciados aproxima-se daquele

¹³ Essa classificação é realizada por ele em oposição aos "católicos da abertura", que representam uma continuidade dos movimentos de Ação Católica, politizados e defensores da autonomia dos indivíduos.

presente no modelo de Igreja anterior ao Concílio Vaticano II, conhecido como "modelo ultramontano", segundo o qual, nas palavras de Riolando Azzi (2006, p. 353), se considerava que "a instituição eclesiástica continha em caráter exclusivo todos os componentes indispensáveis para a salvação das almas". Existiria uma exclusividade atribuída à Igreja Católica na salvação, com raízes anteriores muito profundas oferecidas pelo Concílio Tridentino do século XVI (Azzi, 2006).

Os enunciados proferem valores associados ao modelo de catolicismo ultramontano e ao paradigma tridentino, sobretudo pela defesa da proeminência da crença católica sobre as demais religiões (chamadas de seitas, ou de religiões sem deus) e pelo posicionamento de rejeição à pluralidade, seja no interior da Igreja Católica, como também ao pluralismo religioso, colocando-se contrário ao ecumenismo e defendendo a concepção de que a fé católica seria a única "verdadeira"¹⁴.

A defesa da "civilização católica", do "edifício da Igreja" e da "verdadeira fé" se faz por meio do ataque a elementos do modelo de modernidade adotado pela Igreja Católica após o Concílio Vaticano II, especialmente no que se refere à aceitação da liberdade religiosa e do pluralismo religioso. O catolicismo seria representado pela superioridade dos valores, da fé e da doutrina católicas, por esse motivo todas as demais religiões não são verdadeiras, pois não conduzem à salvação. Nesta perspectiva, o cartaz da CFE-2021 é considerado ofensivo: ele coloca em um mesmo plano todas as religiões e todos os povos, que se encontram de mãos dadas no cartaz. Ele representaria uma blasfêmia contra a verdadeira fé: o catolicismo.

Os enunciados colocam-se radicalmente contrários ao ecumenismo e à aceitação das posturas modernizantes e inclusivas da Igreja Católica em relação à pluralidade religiosa adotadas após o Concílio Vaticano II. Desde

¹⁴ A pesquisa sobre os grupos emissores dos enunciados apontou que eles professam outros valores pré-conciliares, como a defesa da missa tridentina, o aprendizado da língua latina, e, principalmente, a valorização da teologia moral presente no paradigma tridentino (Sales, 2023, no prelo).

então, deixa de enfatizar as concepções do catolicismo enquanto "religião verdadeira e soberana", marcante do paradigma tridentino, e adere aos princípios da liberdade religiosa e ao pluralismo. Até então, segundo José Casanova (1994), o catolicismo tinha sido o modelo paradigmático de religião anti-moderna: combateu o capitalismo, o liberalismo, o estado laico moderno, as revoluções democráticas, o socialismo e a revolução sexual. Somente em meados da década de 1960, a Igreja Católica inaugurou um tortuoso processo de *aggiornamento* oficial e aceitou a legitimidade da era moderna, segundo o autor, aderindo a seus princípios, em especial ao pluralismo e à liberdade religiosa. Esses dois ideais são questionados nos enunciados analisados, nos quais somente a fé católica é capaz de levar à verdade e à salvação dos fiéis e dos infiéis, que devem ser convertidos a ela, e não integrados acatando a sua diversidade.

O ideal de Igreja e de catolicismo que aparece nos enunciados mobiliza um modelo de Igreja e de fé católica anteriores ao Concílio Vaticano II, por meio de grupos e de ativistas católicos que se organizaram e ganharam visibilidade pública no país recentemente. Entretanto, notamos a renovação e a atualização desse referencial pré-conciliar por meio da incorporação do ativismo anti-aborto e, de forma mais ampla, das temáticas anti-gênero e anti-direitos reprodutivos. Dessa maneira, a aproximação do paradigma tridentino ocorre pela sua oposição ao pluralismo, porém não apenas ao pluralismo interno ao catolicismo e ao pluralismo religioso, mas também de gênero e mesmo de raça, conforme observado na missa afro.

A DEMONIZAÇÃO DOS INIMIGOS CONTEMPORÂNEOS: A SOCIEDADE PLURAL E O ESTADO LAICO

Os enunciados mostram a ação beligerante deste ativismo antiaborto e antigênero, que faz uso do referencial simbólico da batalha espiritual contra os hereges e infiéis, presente desde longa data no catolicismo, e o atualiza a partir do enfrentamento à movimentos defensores dos direitos da

diversidade – mulheres, LGBTQIA+, negros, e até mesmo ambientalistas. A concepção do combate é central: a civilização cristã precisa ser libertada do aborto, da agenda homossexual e do comunismo, conforme explicitado no enunciado 4. Os "inimigos" a serem combatidos são corporificados pelos defensores destas causas: movimentos de mulheres, movimentos LGBTQIA+ e movimentos de esquerda em geral. Entretanto, uma nuance importante precisa ser explicitada: trata-se do combate aos militantes, aos integrantes dos movimentos, e não as pessoas negras, ou homossexuais, etc¹⁵.

Os enunciados sobre a CFE-2021 e a Procissão para a Conversão dos Abortistas mostraram o acionamento de referenciais do catolicismo no enfrentamento a inimigos contemporâneos. O enunciado 5 explicita os adversários: "os comunistas e a teologia da libertação", ou ainda aos "movimentos identitários", o "movimento homossexual" e os "defensores do aborto". A produção de inimigos é acompanhada pela lógica do combate: os inimigos devem ser combatidos, a "civilização católica" precisa ser protegida. A gramática acionada nos enunciados remete ao combate e é fatalista. Os católicos não podem "ceder", pois é a sua civilização que se encontra sob ataque.

Já nas manifestações analisadas os oponentes, no caso o movimento de mulheres e LGBTQIA+ são tratados como inimigos, adversários a serem combatidos. Eles não devem ser convencidos, mas sim enfrentados e guerreados por representarem o mal absoluto, que no universo simbólico do catolicismo é representado pelo demônio. Há uma associação entre os oponentes e Satanás, que emerge em algumas cenas e enunciados, como em um vídeo de repúdio à CFE, que é divulgado nas redes e canais das três instituições mencionadas: Jornal Brasil sem Medo, Centro Dom Bosco e Instituto Plínio Corrêa de Oliveira. O vídeo é curto, com duração de 44 segundos, tendo a sua autoria atribuída a um grupo chamado "Brasil Católico contra a Campanha da Fraternidade".

¹⁵ Discurso semelhante foi observado por Cesarino (2019) ao analisar os grupos bolsonaristas.

Ele se inicia com uma frase afirmando que a CNBB coloca a ideologia de gênero e LGBT na Campanha da Fraternidade Ecumênica. Essa é a primeira acusação presente no vídeo. Em seguida, vem a afirmação de que a idealizadora da Campanha seria a "pastora" (as aspas estão presentes no vídeo) Romi Bencke e, em seguida, os dizeres: "abortista, apoia o impeachment de Bolsonaro, militante política, apoia a ideologia de gênero". Cada uma das colocações são estampadas em letras maiúsculas e alocadas sobre fotografias da pastora, sobre um fundo de tela vermelho escuro. O transcorrer das imagens é acompanhado de uma sonoridade, como de um alarme que soa em situações de risco. O conjunto desses elementos – as tarjas em letras maiúsculas, o fundo vermelho, o toque de alarme – produzem a impressão de alerta e perigo, como se as pessoas devessem fugir, se afastar ao máximo daquela pessoa, a "pastora", e, principalmente, de tudo aquilo o que ela representa: a ideologia de gênero, a defesa da descriminalização do aborto, o movimento feminista e a militância política.

A lógica antagonística e bélica é observada e acompanhada de um alargamento da figura do inimigo, de forma a abranger os ativistas pelos direitos, especialmente aos direitos relacionados à diversidade de gênero e ao aborto. Observa-se o acionamento de um repertório simbólico de longa duração na Igreja Católica, do combate ao inimigo, para se enfrentar oponentes do mundo contemporâneo. O vídeo é repleto de elementos que remetem à figura do demônio: a cor vermelha, a sonoridade de alerta e a estética do vídeo estabelecem a associação entre a pastora e o diabo.

O repertório simbólico do catolicismo é acionado para se enfrentar oponentes políticos, considerados inimigos e demonizados: ativistas de movimentos em defesa de grupos minoritários e os movimentos de esquerda, que, no boicote à Campanha da Fraternidade Ecumênica eram representados pela "pastora abortista" Romi Bencke. Ela é o corpo físico do mal a ser combatido.

Não somente ela, mas todas as defensoras da descriminalização do aborto, as ditas abortistas, combatidas por meio dos elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica. Aqui me remeto à primeira cena descrita: a Procissão

para a Conversão dos Abortistas, que se tratou de uma procissão, ritual católico tradicional, conduzida pela imagem de Nossa Senhora de Fátima e acompanhada pela oração do Rosário, contra as abortistas. Não se tratou de um evento "em defesa da vida", ou em defesa de fetos e embriões humanos, como costumeiramente observado no ativismo antiaborto do início dos anos 2000, mas sim de um evento contra as abortistas, que representam um dos inimigos contemporâneos a serem confrontados, e que tem corpo físico e posicionamento político. Elas representam o mal (o demônio) a ser combatido por meio dos elementos simbólicos e rituais do catolicismo, e não das estratégias seculares de convencimento.

Os enunciados são marcadamente antipluralidade, e torna ofensivo o ativismo católico antidireitos sexuais e reprodutivos e antigênero transnacionalmente atuante nas duas últimas décadas. As campanhas anti-gênero, de enfrentamento à expansão dos direitos e políticas públicas voltadas para mulheres e LGBTQIA+, adquiriram um caráter transnacional na última década, atingindo países na Europa, América e África, sobretudo. A Igreja Católica, a partir do Vaticano, desempenhou papel central na formulação de uma ofensiva anti-gênero e anti-direitos sexuais e reprodutivos de caráter global, que produziu uma caixa de ferramentas teóricas de enfrentamento a essa temática, acionada em diferentes países de tradição católica quando estes temas entraram em debate na esfera pública (Béraud e Portier, 2015; Bracke e Paternotte, 2016). A ofensiva teórica foi acompanhada de uma poderosa ofensiva pastoral em rede, responsável pela disseminação de conceitos e ideias anti-gênero e pela formação de ativistas nas distintas localidades (Sales, 2021; Vaggione, 2017; Garbagnoli e Prearo, 2017).

Além disso, trata-se de um ativismo ostensivamente católico e que possui um caráter intransigente e exclusivista, afirmando a superioridade de sua fé e buscando imputá-la à sociedade brasileira em sua totalidade. Conforme afirmado pela deputada Christiane Tonietto, ligada ao Centro Dom Bosco, em seus discursos e entrevistas, é preciso "a sociedade reconhecer Cristo como Rei do Brasil e Rei do Universo":

Por diversas vezes – senão todas – concluí meus discursos com o brado retumbante de “Viva Cristo Rei” por uma razão muito simples: sou católica e, como católica, defendo a restauração da cristandade e percebo que somente teremos uma verdadeira cultura de paz se voltarmos a reconhecer Cristo como Rei de nosso país.¹⁶

Esta seria ainda mais uma característica pré-conciliar deste ativismo: o Estado Brasileiro deveria reconhecer Jesus Cristo, a superioridade da religião católica se sobrepõe ao Estado e a Sociedade brasileiros, que precisam reconhecerê-la e se submeter a ela. A religião católica estaria acima de qualquer outra religião, não aceitando a possibilidade de pluralidade religiosa, mas também acima do Estado Nacional, que deveria reconhecer o seu símbolo máximo: Jesus Cristo como senhor da nação brasileira. Não há possibilidade de Estado Laico, pelo contrário, o que se intenta é um Estado Brasileiro que esteja submetido à religião católica, cujos moldes não admitem a pluralidade no interior da Igreja ou fora dela, seja de gênero ou de orientação sexual, somente a unicidade do catolicismo.

A fronteira entre o religioso e o secular não é existente e o reconhecimento do pluralismo ou da laicidade se tornam inviáveis diante destas concepções e desta visão de mundo que afirmam reiteradamente, em diversas esferas públicas, o caráter superior e exclusivista do catolicismo sobre as demais religiões, sobre a concepção de sociedade plural e do Estado laico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cenas analisadas demonstram os inimigos a serem combatidos pelos ativistas católicos antigênero, bem como a sua maneira de agir, realizada por meio da confrontação direta aos "inimigos" e pelo acionamento dos

¹⁶ Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/blogs/blog-da-vida/quem-e-chris-tonietto-a-jovem-catolica-que-ja-enfrentou-um-ministro-do-stf-e-chega-a-camara-em-2019>. Acesso em: 11/05/2023.

elementos simbólicos e rituais da Igreja Católica. A centralidade da lógica do combate foi observada e realizada *pari passu* à produção de inimigos, que são identificados com os movimentos defensores dos direitos das minorias, pejorativamente classificados enquanto "militantes" ou "revolucionários".

As performances e enunciados demonstram a combinação entre os referenciais simbólicos do combate no catolicismo, alguns muitos antigos e que remetem a Idade Média, às Cruzadas, aos santos mártires, e à Virgem condutora de exércitos, porém, diante de inimigos contemporâneos e do universo da política: os movimentos em defesa dos direitos das minorias, como o movimento de mulheres e o movimento negro. Dessa forma, ao classificarem estes movimentos e grupos como inimigos a serem combatidos, os enunciados se reportam a uma gramática de longa duração no universo simbólico da Igreja Católica, o combate ao mal, ao inimigo maior que no imaginário católico é representado pelo demônio. Os inimigos a serem combatidos espiritualmente ganham materialidade e são corporificados pelos ativistas dos movimentos e grupos defensores dos direitos das minorias. O referencial simbólico do catolicismo, de enfrentamento ao mal e ao demônio, passa a ser acionado para se combater inimigos do universo da política.

Constatamos, pois, que há uma insistência no combate, no qual se nota a sobreposição do combate espiritual, que aciona elementos simbólicos de longa duração no catolicismo, ao enfrentamento de inimigos contemporâneos que emerge no engajamento nas ações antiaborto e anti-gênero analisadas. Trata-se de um ativismo católico combativo, que se opõe à pluralidade ritual no cerne da Igreja Católica, mas também na sociedade brasileira, confrontando os movimentos que defendem uma sociedade plural e inclusiva.

Em termos de catolicismo, defendem um modelo de Igreja e de fé pré-conciliares. Pureza, autenticidade e verdade absoluta da fé católica, aos quais o restante dos católicos e da sociedade brasileira deve não apenas aceitar, mas reconhecer e se submeter. A verdade católica deve se estender para toda a sociedade brasileira e ser reconhecida por toda a nação.

Não se trata mais da estratégia do convencimento, conforme observado no ativismo antiaborto do início dos anos 2000, ou de se estabelecer um

diálogo com os adversários, mas da confrontação e da conversão, na qual não há espaço para a aceitação das diversidades ou de posicionamentos divergentes, ao contrário, a diversidade é concebida como antagonismo e associada ao mal, ao anticristo.

Assim, a defesa do posicionamento antiaborto e antigênero é realizada por meio da mobilização ostensiva dos referenciais religiosos do catolicismo no espaço público: no espaço público físico, virtual e político. A simbologia do universo católico ocupa o espaço público, como no exemplo da procissão, com vistas a confrontar os adversários políticos, rompendo-se qualquer possível fronteira entre as esferas religiosa e política. Ao contrário disso, trata-se de um ativismo que afirma a sua filiação à religião católica, que se orgulha de sua fé, que a reitera e valoriza publicamente. Além disso, defende um modelo de Igreja Católica intransigente e exclusivista, que afirma a superioridade de sua fé e busca imputá-la à sociedade brasileira como um todo, convertendo os "abortistas", os católicos da missa afro, os bispos da CNBB, e todos os demais pagãos ou hereges que posicionem-se de maneira divergente.

Nesse sentido, intensifica e torna extremo o repertório e a gramática de desqualificação e de enfrentamento dos integrantes destes movimentos, associando-os ao mal absoluto, representado por Satanás. Os adversários políticos representam a corporificação do mal, de Satanás.

Além disso, há uma sobreposição entre o universo simbólico de longuíssima duração na Igreja Católica e as estratégias dos movimentos ligados ao bolsonarismo, nos quais ocorre a construção dos adversários políticos enquanto inimigos que devem ser enfrentados. Observou-se a proximidade entre as ações e discursos analisados e aqueles proferidos por grupos e movimentos identificados com o bolsonarismo: ambos operam por meio do eixo da diferença, conforme identificado por Letícia Cesarino (2019), realizando uma divisão antagonística entre amigos e inimigos, que, neste artigo, corresponderia à divisão amigos/direita/cristãos e inimigos/esquerda/anticristãos. Essa divisão reduz o outro, o diferente, identificado com a "esquerda" de forma generalizada, ao inimigo. Operam, na interpretação

de Esther Solano (2018) sobre o bolsonarismo, por meio da política da inimizade, que concebe o outro (a esquerda, os movimentos em prol de direitos) como o negativo absoluto, sendo a representação do mal que deveria ser exterminado.

O repertório simbólico de profundidade histórica no catolicismo, do combate ao demônio, da conversão dos pagãos e da expulsão dos hereges, é acionado para emoldurar a lógica antagonística característica do *modus operandi* da Nova Direita. Nesta combinação, o mal maior a ser enfrentado é a concepção pluralista, liberal e secular de sociedade.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. O Concílio Vaticano II no contexto da Igreja e do mundo: uma perspectiva histórica. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 66, n. 262, p. 337-369, 2006.

BÉRAUD, Céline. Les catholiques contre le genre. Le episode des manueles de SVT. In: Rochefort, Florence; Sanna, Maria Eleonora (ed.). *Normes Religieuses et Genre*. Paris: Armand Colin/Recherches, p. 109-121, 2013.

BÉRAUD, Céline; PORTIER, Philippe. *Métamorphoses catholiques. Acteurs, enjeux et mobilisations depuis le mariage pour tous*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2015.

BRACKE, S.; PATERNOTTE, D. *Habemus Gender: Iglesia Catolica y ideologia de Genero*. ABIA, Rio de Janeiro, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da Fé – Alguns Sistemas de Sentido, Crenças e Religiões no Brasil de Hoje. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

- CASANOVA, José. *Public Religions in the Modern World*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- DALMOLIN, Aline. Aborto, Igreja Católica e movimento feminista nos anos oitenta: uma cruzada de valores. *X Seminário de Estudos Históricos. FEEVALE*: Rio Grande do Sul, 2011.
- DOBBELAERE, Karel; PÉREZ-AGOTE, Alfonso. *The Intimate: Laws about Life, Death and the Family in So-called Catholic Countries*. Leuven: Leuven University Press, 2015.
- GARBAGNOLI, Sara; PREARO, Massimo. *La croisade anti-genre. Du Vatican aux manif pour tous*. Paris: Editions Textuel, 2017.
- KALIL, Alex. Do religioso ao civil: Reconfigurações da Ideologia de Gênero no Espaço Público. *Revista Pensata*, Guarulhos, v. 7, p. 21-41, 2019.
- KUHAR, Roman; PATERNOTTE, David (ed.). *Anti-gender campaigns in Europe: Mobilizing against equality*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2017.
- LUNA, Naara. Embriões no Supremo: Ética, Religião e Ciência no Tribunal. *Teoria e Sociedade*, Porto Alegre, n. 18, p. 168-203, 2010.
- LUNA, Naara. O julgamento no Supremo do aborto de anencéfalo – ADPF 54: uma etnografia da religião no espaço público. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 52, p. 165-197, 2018.
- MONTERO, Paula; SALES, Lilian; SILVA, Aramis. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 24, n. 52, p. 131-164, 2018.
- PORTIER, Philippe. *Droit, éthique et religion. De l'âge théologique à l'âge bioéthique*. Paris: Bruyant, 2012.
- PRODI, Paolo. *Il paradigma tridentino, un'epoca della storia della Chiesa*. Brescia: Morcelliana, 2010.

REZENDE, Patricia Jimenez. *Movimentos sociais e contramovimentos: mobilizações antiaborto no Brasil contemporâneo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PPGCS/Unifesp, Guarulhos, 2016.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância. In: SOLANO, Esther. *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, p. 48-54, 2018.

ROCHA, Maria Isabel Baltar da. Discussões políticas e decisões no parlamento. In: ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica; PORTELLA, Ana Paula (ed.). *Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

SANCHIS, Pierre. O Repto Pentecostal à Cultura Católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto et al., *Nem Anjos nem Demônios*. Petrópolis, Vozes, 1994.

SALES, Lilian. “Em defesa da vida humana”: moralidades em disputa em duas audiências públicas do STF. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 35, p. 143-164, 2015.

SALES, Lilian. Emoções e Afetos na controvérsia sobre a Anencefalia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 35, n. 103, p. 1-19, 2020a.

SALES, Lilian. Controvérsias sobre o início da Vida no STF: Em defesa dos direitos de fetos e embriões humanos. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 22, 2020b.

SALES, Lilian. O Ativismo Católico: Bioética, Gênero e Direitos Reprodutivos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-14, 2021.

SALES, Lilian; MARIANO, Ricardo. Ativismo político de grupos religiosos e luta por Direitos. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 39; n. 2, p. 1-22, 2019.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo Brasileiro Contemporâneo. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 14-23, 2005.

VAGGIONE, Juan. La Iglesia Católica frente a la política sexual. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017.

WARNER, Marina. *Alone off all her sex: The Myth and the Cult of Virgin Mary*. New York: Vintage, 1983.

Recebido em: 28/07/2023

Aprovado em: 07/11/2023